

PRODUÇÃO TEXTUAL: NÃO APENAS UMA TESSITURA DE ELEMENTOS LINGUÍSTICOS - UMA ATIVIDADE SÓCIO COMUNICATIVA

Laíze Siqueira Silva⁴⁶
laizesiqueira@hotmail.com

RESUMO:

A aprendizagem é um processo inesgotável iniciado no nascimento. Neste granjear, para se aprender se desenvolvem competências, dentre outras, as habilidades de leitura e escrita. Porém, quanto a isso, é constatado que a educação tem sofrido fracasso; daí, discussões e estudos são realizados em torno do assunto. Linguistas e pesquisadores têm dado suas contribuições em busca de melhorias. Assim, a partir de uma leitura sobre alguns destes estudos e de experiências vividas, surge este trabalho, que procura entender a importância da escrita na vida de cada indivíduo, os problemas que envolvem a produção textual e como esta prática é entendida, principalmente nas realizações escolares.

PALAVRAS-CHAVE: Produção textual. Escrita. Texto. Estudo. Leitura.

ABSTRACT

Learning is an inexhaustible process that starts with birth. In this process, some skills are developed to learn, among others, the abilities of reading and writing; However, about this, it is verified that the education has suffered failures; hence, discussions and studies are realized around the issue. Linguists and researchers have given its contributions in seek of improvement. Thus, from a reading about some of these studies of experiences lived, arises this work, that aims to understand the importance of writing in the life of each individual, the problems that involve textual production and how this practice is understood, especially in school productions.

KEY WORDS: Textual production. Writing. Text; Studying. Reading.

INTRODUÇÃO

Não queremos apenas aprender a escrever o nome. Queremos aprender a significar o mundo. Aqui está o segredo de não se esgotar o ato de aprender a produzir textos. Estamos sempre buscando, estamos sempre aprendendo, subindo mais um degrau: os degraus da produção textual.⁴⁷ (Adriane Castro, Belório Belluci)

⁴⁶ Professora de Língua e Literatura Latina do Curso de Letras da Fasete.

⁴⁷ CASTRO, Adriane Belluci Belório de. [et al.]. Os Degraus da produção textual – Bauru, SP: EDUSC, 2003.

Superar a ideia de que ensinar a língua é ensinar gramática tem sido uma preocupação de diversos estudiosos da área da linguagem ou, melhor, do meio educacional como um todo. Pensando nisso, este artigo lança um olhar sobre a famosa produção textual, que aterroriza e assusta a muitos, quando conduzidos a desenvolverem suas competências de escrita.

Na verdade, é possível constatar-se as dificuldades e limitações que acompanham produtores de diversos níveis educacionais. Mas para que essa resistência seja superada, a escola deve apresentar a importância dos textos nas relações sócio comunicativas presentes em nosso cotidiano, certa de que “a reflexão só ganhará eficácia se vier acompanhada de experiências e fatos significativos”. (CITELLI, 2012, p.13).

A relação entre leitura e escrita é indissociável, já que um bom leitor, provavelmente, terá um vocabulário mais amplo e maior facilidade de argumentar suas informações. Embora, a sociedade atual, não seja de leitores, este trabalho conclama aos professores, desenvolverem ou despertarem o hábito da leitura em seus aprendizes. Se o docente é praticante da leitura, logo contagiará o interesse dos que por ele são orientados.

O trabalho em pauta não vem trazer inovações, nem soluções que surgem de uma mágica, mas traz provocações de uma mente que vive a consciência da precariedade e que não se conforma em cruzar os braços e apenas ver o indesejável se repetir, e que busca experimentar, pretendendo instigar o saber, inquietar mentes férteis a aventurar-se no caminho das letras e das palavras, ousar, para sair do recôncavo da mesmice.

Assim, o presente artigo, está dividido em três partes, que buscam enfatizar a produção textual, como sua prática se sucede, as deficiências que giram em torno desta prática, e por fim, a finalidade na qual esta atividade deve ser pensada.

1. UM OLHAR SOBRE A ATIVIDADE DE PRODUZIR TEXTOS.

Como foi adiantado, a preocupação gerada em torno da atividade de produção textual, que converge para uma enraizada dificuldade que acompanha gerações, e que desperta pesquisadores, linguistas, professores e diversos estudiosos da Língua Portuguesa a focarem seus olhares e buscarem uma reestruturação para o desenvolvimento do ensino, tem como objetivo entender os pontos frágeis e tentar superar os déficits que transitam no desempenho desta habilidade.

A escrita é uma realização de grande importância não apenas na vida particular, mas na existência ou memória das sociedades. Através dela, além de imprimirmos nossa identidade linguística e literária, conhecemos histórias, culturas, estilos ou costumes e desenvolvimento de povos e nações que nos antecederam, deixando o seu legado para as gerações seguintes, pois como afirma o provérbio latino “Verba volant, scripta manent” (“As palavras voam, os escritos permanecem”).

Esta atividade tem se tornado assunto de muitos trabalhos científicos, que comprovam o fracasso existente nas produções ou escritos, redigidos por alunos das diversas faixas-etárias e níveis de ensino. É o que ressalta a linguista Irandé Antunes:

O interesse dos linguistas por minimizar as distâncias que separam a investigação acadêmica da prática pedagógica de ensino das línguas, nomeadamente no que se refere à ampliação da competência para a escrita, tem motivado um grande número de pesquisas científicas. Tais pesquisas como muito bem se poderia esperar, têm atentado prioritariamente para a natureza da escrita enquanto atividade processual e interativa e, bem menos, para sua dimensão mais restrita de mero desempenho mecânico, que resulta em um produto acabado, quase sempre, fruto de uma versão única. (Antunes,2009, p.161).

Ingedore em “A coesão textual” apresenta várias tendências, que a partir dos anos 1980, demonstraram interesse em aplicar-se a pesquisa quanto a teorias do texto, dentre elas:

Givón e outros estudiosos filiados à linha americana da análise do discurso – preocupados, de um lado, com as formas de construção linguísticas do texto enquanto sequência de frases, de outro lado com a questão do processamento cognitivo do texto (isto é, com os processos de produção e compreensão) e, conseqüentemente, com os estudos dos mecanismos e modelos cognitivos envolvidos nesse processamento. Para tanto, buscam subsídios em pesquisas nas áreas da Psicologia da Cognição e da Inteligência artificial. (Kock, 1993, p.12).

Apesar de muito já se haver tratado sobre leitura e produção textual, e de muitas posições já terem sido tomadas quanto a estas modalidades, ainda é pertinente a preocupação, pois os resultados obtidos através de exames avaliativos e da experiência vivida na própria sala de aula são intrigantes.

Uma realidade bem recente que comprova estes fatos, além das experiências vivenciadas por docentes no cotidiano escolar, é o resultado do ENEM 2014, em que 529.373 candidatos obtiveram nota “0” na redação do Exame Nacional do Ensino Médio, e apenas 250

candidatos alcançaram a nota máxima em suas produções, segundo informação da EBC – Agência Brasil (<http://agenciabrasil.ebc.com.br/e>).

Portanto, é relevante que seja encarado o desafio de criarem-se inovações com possibilidades de incentivo à produção textual, ou talvez, que se busque aprimorar técnicas já existentes e que se ouse aplicá-las, já que algumas descansam na inércia de prateleiras e bibliotecas; objetivando o desenvolvimento de uma escrita coerente e coesa, e que estas situações preparem indivíduos que argumentem bem suas ideias e progridam no processo de ensino aprendizagem.

2. DEFICIÊNCIAS QUE MINAM O CAMPO DA ESCRITA

Não apenas professores de Língua Portuguesa, como também de todas as disciplinas que fazem parte do currículo escolar, tecem seus comentários sobre a falta de domínio da leitura e a ausência de habilidades na realização e construção de textos que, obviamente, uma coisa é consequência da outra. No entanto, não é admissível o que muitos acreditam, que procurar preencher estes déficits é papel apenas dos profissionais de línguas; sobre isto, Kleiman não mede palavras para expor sua crítica:

Alarmam-se os professores de Ciências, História e Geografia pelo fato de seus alunos não lerem, e, no entanto, nada fazem para remediar esta situação. A palavra escrita é patrimônio da cultura letrada, e todo o professor é, em princípio, representante dessa cultura. Daí que permanecer à espera do colega de português resolver o problema, além de agravar a situação, consiste numa declaração de sua incompetência quanto à função de garantir a participação plena de seus alunos na sociedade letrada. (2002, p. 07).

No entanto, o problema existe. O baixo desempenho reflexivo, a desinformação, a má articulação das ideias, como estas são postas e organizadas, a falta de competência linguística, entre outras, são algumas das deficiências da escrita que principiam desde as bases da alfabetização e acompanham os estudantes, de uma forma caótica, refletindo em um ensino problemático e na continuidade da vida escolar, até mesmo no ingresso e permanência destes aprendizes no Ensino Superior.

É comum ouvir-se dos alunos, quando solicitados, a frase que parece estar ensaiada: “Eu não sei produzir um texto”. E, o que realmente comove, é que suas produções demonstram o que afirmam inicialmente.

De acordo com as percepções, convivendo com estas experiências no dia a dia escolar, surge-se a preocupação em compreender o cerne destes problemas e como tratá-los. O que diz alguns pesquisadores sobre esta permanência de reações e resultados insatisfatórios que acompanham a educação brasileira? O que fazer para sanar esta defasagem que há no desenvolvimento de produção textual? O que ou quem é responsável pelo baixo desempenho desta modalidade? Os alunos verdadeiramente sabem qual a finalidade da escrita, ou o que ela representa na vida e no cotidiano do homem no mundo, particularmente ou nas relações sociais, vivendo em coletividade?

Acredita-se que a conscientização ou resposta a estas interrogações poderão fazer bastante diferença na percepção de sentido, quando se direciona à escrita, como professores, e quando levados a escrever, como alunos.

Sabe-se que por mais que as pessoas não dominem bem a norma padrão de linguagem, mas no seu cotidiano, conseguem perfeitamente se comunicar e se relacionar linguisticamente de forma inteligível, de sorte que todos compreendem e interagem simultaneamente. Os educandos, por exemplo, conversam, narram fatos, contam histórias, utilizam a linguagem para todas suas necessidades comunicativas, porém, no momento de passar esta comunicação oralizada para a escrita, surgem as complicações. Daí a curiosidade: O que falta e de que é proveniente esta limitação?

A partir da vivência em sala de aula, propriamente no trabalho com turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II, no desafio “Escrevendo o Futuro”, das Olimpíadas de Língua Portuguesa e também de acordo com as leituras realizadas por alguns linguistas, infere-se que a forma tradicional como a aprendizagem da Língua tem sido ministrada nas escolas, tem desvirtuado o rumo linguístico textual que capacita ou viabiliza meios para uma boa prática de escrita, quando se diz respeito ao domínio de articulação de ideias e a fluência com que as informações são entrelaçadas no texto.

Quanto a isso, Irandé (ANTUNES, 2005), faz uma crítica ao ensino da língua ainda realizado com o uso de frases soltas, desconectadas, ou ao uso indevido do texto como pretexto ou objeto para se estudar a gramática. Ainda sobre este conceito, a linguista Maria de Lourdes Matêncio (1994, p. 38) também afirma que “na escola, entretanto, o trabalho com a leitura remete-se ao uso do texto como pretexto para o estudo da gramática e à concepção redutora de texto que o vê como uma somatória de frases”. Embora haja consciência que o professor esteja integrando mais o texto no estudo da linguagem, no entanto, na grande maioria tem sido com os fins prescritos anteriormente.

Referente à maneira como a orientação e o foco avaliativo das produções textuais têm sido conduzidos, ou seja, o expressar-se é menos relevante do que a estrutura do gênero em que está sendo veiculado, sem falar que os erros gramaticais são mais excludentes do que o conteúdo tratado, a referida escritora (ANTUNES, 2005, p. 33) questiona: “Assim, que intenções, que objetivos visamos, na escola, com nossas propostas de escrever um texto?”. Ainda dentro deste pensamento, cita Searle (SEARL, 1981, *apud* ANTUNES, 2005), sobre as teorias dos atos de fala “uma forma de fazer, de agir, de atuar”. Isto é, quando escrevemos, fazemos, agimos e atuamos no outro, de forma a influenciarmos, mudarmos conceitos e até provocarmos diversas outras reações.

A falta de apto de leitura é uma das causas principais da limitação que gera tanta dificuldade no momento da produção textual. O “lugar cada vez menor que a leitura tem no cotidiano do brasileiro, à pobreza no seu ambiente de letramento (o material escrito com o qual ele entra em contato tanto dentro como fora da escola)” (KLEIMAN, 2002, p.15), não justifica, mas explica o descaso pela leitura. “Mas ler, no entanto, é essencial” (LAJOLO, 2005, p. 106).

Deste modo, cabe ao educador colocar-se como intermediador entre o aluno e a leitura, incentivando-o e despertando o prazer por esta atividade; se bem que, isto só será possível se o profissional desempenhar também esta prática. Embora, “à própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e gostar de ler”, torna-se um discurso sem eficácia, pois Ângela Kleiman (2002, p.15) conclui que, “para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”.

Os alunos não reconhecem o valor da escrita como instrumento necessário para a vida e suas realizações, seja no trabalho, na escola, nos entretenimentos, etc. o que pode ser fruto de como o ensino da língua foi apresentado para eles. Assim sendo, Matêncio (1994, p. 96), explica que “dentro de uma tradição de ensino e aprendizagem de línguas que tem privilegiado a naturalização das normas de uso, a especificidade da aula de língua perde-se.” Deste modo, pode-se colocar em pauta a valoração de sentido, o que não só a produção textual como também a leitura significa para estes educandos. Pensando nisto, a professora Maria de Lourdes também destaca alguns pré-requisitos quanto à escolha de textos e atividades a serem trabalhadas:

Nesse caso, [...] deve levar em conta o seguinte: a seleção de textos deve basear-se no grau de dificuldade gramatical e lexical, assim como na capacidade de compreensão dos alunos dos dados explícitos e implícitos do texto; as atividades de leitura devem enfatizar a

dialogia textual, o aluno deve ser um participante ativo dessa interação, fundamentando-se tanto nas pistas textuais como em sua visão de mundo; (MATÊNCIO, 1994, p. 41).

A esse respeito Marisa Lajolo (2005, p. 15) assegura que “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”.

Antunes (2009, p. 57), sugere que haja mais clareza na solicitação do gênero que se objetiva que seja escrito “para terem a cara e o nome particular do gênero que realizam (“escrevam uma carta, um aviso; façam um convite” etc.)”. Desta forma, haverá noção da estrutura do que se vai desenvolver.

Estas são algumas circunstâncias e situações conflitantes, que demarcam os territórios da realização da nobre tarefa de escrever.

3. A PRODUÇÃO TEXTUAL: PENSADA COMO UMA INTERAÇÃO ENTRE INDIVÍDUOS

A linguagem tem o objetivo de proporcionar a condição de uma interação sócio comunicativa entre indivíduos. Todas as vezes que alguém se dirige a outrem, tendo em vista a realização de determinados fins comunicativos, são elaborados textos. Assim sendo, as expressões utilizadas nestes textos, são sobrecarregadas de intenções; por isto, as ideias devem ser expostas de modo articulado e organizado no intuito de se alcançar o objetivo a que são destinadas.

Para que a inter-relação seja efetivada nos assegura Ingedore (Koch, 1997, p. 7), que uma rede de fatores delega influência: “entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções e atitudes dos interactantes, os conhecimentos partilhados, as expectativas mútuas as normas e convenções sócios culturais”.

Desta forma, entende-se que o processo de produção textual não se resume apenas a um agrupamento de palavras, mas uma construção de conceitos, que costurados entre si, e norteados pelos fatores acima descritos, produzirão efeitos de sentido, já que o leitor ou interlocutor a quem o escritor ou locutor se direciona, deve ser inteirado pelas informações que foram veiculadas.

A tessitura do texto, que resulta no entrelaçamento das opiniões expostas em sua superfície, através de conectivos que unem as expressões, criando uma cadeia coesiva e coerente entre os enunciados, talvez seja a maior dificuldade enfrentada pelos alunos quando

orientados a porem em prática a escrita de seus textos. Pois, é possível conceber esta unidade como uma determinada forma de construção, em que os elementos adequados devem ser utilizados para que aconteça a comunicação, já que “uma palavra mal escolhida pode quebrar o fio de coerência ou gerar problemas de clareza que afetam o entendimento”. (ANTUNES, 2009, p. 59).

A linguísta e escritora Irandé Antunes (2009, p. 169), que trata bem este assunto, levanta um questionamento: “Será que a escrita de texto não tem sido duramente penalizada porque mal compreendida?”.

É necessário se compreender, tanto professores quanto alunos, que a tarefa de redigir, não deve ser pensada com o objetivo apenas de formar meros produtores textuais, mas que esta habilidade supra as necessidades interativas, que acompanham o ser humano em suas atividades práticas, vivendo em sociedade. Pois, como sabemos, somos os únicos seres dotados de competências linguísticas interlocutoras verbais e de escrita. Isto comunga com o pensamento de Beatriz Citelli (2012, p. 18), que “toda pessoa alfabetizada, sem disfunções psicológicas e disposta a aprender, pode vir a redigir bem”.

Pensando na comunicação através da escrita, cabe ao escritor compreender que haverá sempre um leitor do outro lado, esperando ser conquistado por, provavelmente, engenhosas ideias que uma mente brilhante tenha lançado cuidadosamente sobre o papel. Marisa (LAJOLO, 2005, p. 34) sobre isto, escreve: “Assim sendo, leitores desfrutam de imenso poder, ainda que sejam extremamente voláteis; [...] o autor precisa crer na existência desses evanescentes seres de óculos, e, mais ainda crer que há vida inteligente por trás dos óculos...”. Há um olhar perscrutante, que suga a fineza dos argumentos num debruçar prazeroso ou afasta-se quando isto não é satisfatório.

Entende-se, portanto, que os textos resultam em um instrumento social que conduz à interação e comunicação com outros que estão em volta; isto é feito de forma oralizada ou escrita, mas para todos os efeitos, esta unidade é sempre utilizada. Embora, valha salientar, que este trabalho foca o uso textual escrito. Este engenho “envolve uma teia de relações, de recursos, de estratégias, de operações, de pressupostos [...], que promovem seus modos de sequenciação, que possibilitam seu desenvolvimento temático, sua relevância informativo-contextual”. ((ANTUNES, 2009, p. 51).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as reflexões apresentadas neste artigo, provindas da experiência alcançada em sala de aula, e mais propriamente, dos estudos realizados, é possível inferir que a tarefa de produzir textos é de extrema relevância para a vida dos seres humanos, e trabalhar as dificuldades e deficiências que permeiam o desenvolvimento desta habilidade é de uma enorme urgência. A aplicação dos conceitos, ou seja, dar ouvido a voz de autoridades no assunto como Irandé Antunes, Ingedore Koch, Vanda Elias, Maria de Lourdes Matencio, Marisa Lajolo, entre outros, é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, e demonstra interesse pela melhoria do desempenho educacional, na formação de habilidosos escritores, dispostos a percorrerem os caminhos das palavras, mergulhando nos recôncavos do léxico, como nos aconselha Drummond (Andrade, 2012, p. 11,12) “Penetra surdamente no reino das palavras.[...] Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas[...]”.

Desvendar as faces secretas deste “reino”, talvez seja um dos mais árduos labores da construção deste edifício que é o texto, mas o desafio é que impulsiona o desbravador. Assim, que cada mestre vise conduzir os seus aprendizes ao topo mais alto, ainda que o caminho seja percorrido ou inicie pelos lugares mais baixo até conquistar o cume, que como se sabe, leva tempo, perseverança, coragem e uma dose de saber para onde se está conduzindo e como se está conduzindo. Tudo é um tanto trabalhoso, não há uma forma ou uma única metodologia a ser utilizada para fazer alguém dominar a leitura e a escrita, mas há caminhos que tomados conduzirão a uma boa aprendizagem.

É muito importante, portanto, lembrar que, o primeiro desafio ao conduzir ao domínio da escrita é inserir o indivíduo no mundo da leitura. Só assim, terá uma boa base para defender suas ideias e opiniões com precisão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de. [et al.]. **Os Degraus da produção textual**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CITELLE, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental**: poema, narrativa, argumentação. - 6ª ed.- São Paulo: Cortez, 2002.

KLE IMAN , Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9ª ed., Campinas, SP: Pontes, 1995.

KOCH , Ingedore Grunfeld Villaça . **A coesão textual**. 6ª ed. - São Paulo: Contexto, 1993.

KOCH , Ingedore Grunfeld Villaça . **O Texto e construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH , Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. - São Paulo: Ática, 2005.

MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meireles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre processo de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1994.